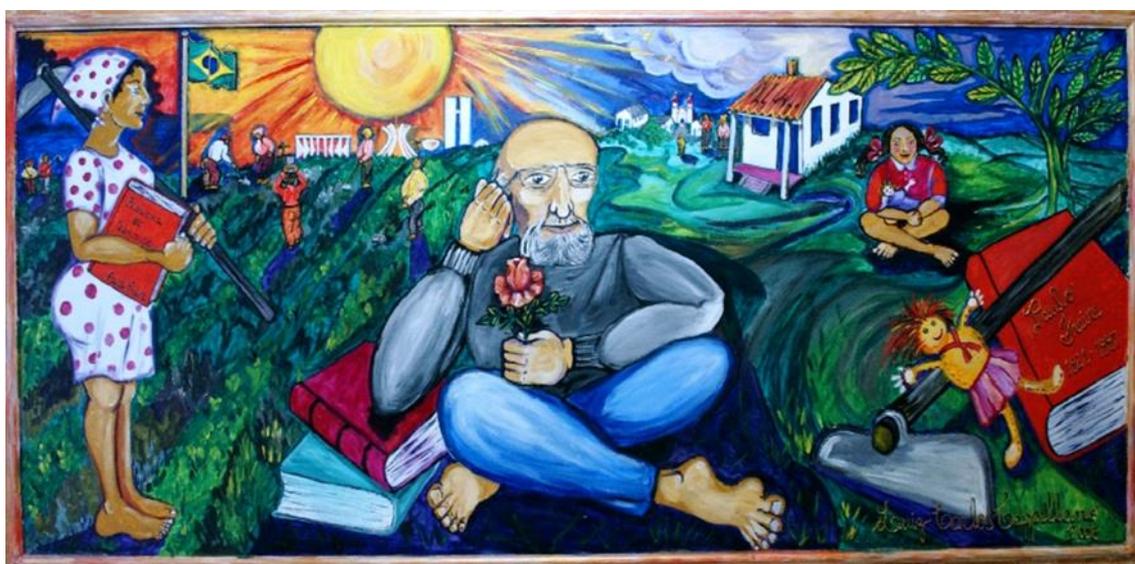


ABERTURA DO DOSSIÊ:
OS 100 ANOS DE PAULO FREIRE

*DOSSIER OPENING:
THE 100 YEARS OF PAULO FREIRE*

Ana Mae Barbosa¹

Imagem 1: Painel Paulo Freire



137

Fonte: CEFORTEPE - Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional Prof. "Milton de Almeida Santos", SME-Campinas por Luiz Carlos

A educação das massas se faz, assim, algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção, por isso, teria de ser também, entre uma “educação” para a “domesticação”, para a alienação, e uma educação para a liberdade. “Educação” para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito. Paulo Freire em **Esclarecimentos**. Primavera de 1965, Chile.

¹ Doutora em Humanistic Education pela Boston University. Professora da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). e-mail: anamaebarbosa@gmail.com

O corpo político da Arte/Educação está amarrado, tolhido, manietado, torturado no atual projeto de Educação Fundamental e Media. Os Arte/Educadores lutaram pela liberdade de ensinar em direção ao desenvolvimento da criatividade coletiva, da crítica reconstrutora e da conscientização acerca do mundo que nos cerca. Esses são os pressupostos da Epistemologia de Paulo Freire que estão tentando destruir.

Mas, a extrema direita do Brasil nunca imaginou que o espírito de Paulo Freire habitasse em nós e nos desse tanta energia.

Os 100 anos de Paulo Freire estão sendo comemorados em todo o mundo, da Nova Zelândia a São Tomé.

No Brasil desde o ano passado que todos os freirianos se reúnem, falam uns para os outros e conquistam novos leitores e interpretes das ideias de Paulo Freire.

O Coletivo Paulo Freire criado por aqueles e aquelas que trabalharam com ele, vem esperando todos nós e acaba de lançar o livro dos 100 anos escrito por 100 colaboradores

Em 19 de setembro, no exato dia do aniversário de 100 anos de Paulo Freire, o Itaú Cultural abriu a Ocupação Paulo Freire no segundo andar de seu edifício. Fiquei muito feliz, pois os organizadores da Ocupação deram uma aparência alegre à instalação, escolheram recortes de vídeos que o apresentam em conversas descontraídas. Em um dos vídeos, ele que era um grande contador de casos, conta a história de se surpreender com a assimilação inconsciente das normas e preconceitos culturais que já haviam contados para mim e meu marido no passado. Eis a história: No seu exílio no Chile fez amizade com um professor e um dia os dois estavam conversando e Paulo Freire coloca a mão no ombro do colega, enquanto conversava, que era um hábito comum para ele no Recife. O amigo encabulado o adverte que no Chile um homem não coloca a mão no ombro de outro homem, pois isso pode ser mal interpretado.

Ele volta para casa pensando que devia haver algo errado naquela terra por condenar por preconceito um gesto simples de afeto.

Tempos depois na Tanzânia, na África, saiu de uma aula com um colega para passear pelo *campus* e o colega pega a mão dele e sai andando. Então foi a vez de Paulo Freire ficar muito encabulado pensando o que diriam seus amigos em Pernambuco ao vê-lo passear de mãos dadas com outro homem e assim que pôde, guarda a mão no bolso. Moral da história, como dizia minha avó “cada roca tem seu fuso e cada terra tem seu uso”. As interdições culturais afetivas nos penetram sem delas termos consciência. Naquele momento Paulo Freire teve consciência de que sua reação fora baseada no machismo estrutural que assimilamos inconscientemente.

A epistemologia de Paulo Freire está baseada na conscientização e no diálogo que levam à decolonização de si e da história.

Além de muitas fotos reveladoras de sua cativante personalidade há muito material produzido em espanhol que não conhecíamos no Brasil. O *design* expositivo é muito atraente, claro e ondulantemente motivador.

Trabalhei na Escolinha de Arte de São Paulo (1968/1971) com Madalena, sua filha, e uma foto me comoveu. Trata-se da fotografia de Madá, como monitora da experiência de alfabetização no Rio Grande do Norte em 1963. Ela deveria ter na época mais ou menos 16 anos, de acordo com nosso cálculo, meu e de Regina Machado, com quem visitei a exposição

Entre os livros expostos com os comentários de Paulo Freire no próprio livro (marginalia) está um de Aldous Huxley, autor que estimulou o pensamento social da minha geração. Líamos Huxley avidamente na juventude. Meu marido e eu chegamos a conhece-lo pessoalmente numa verdadeira aventura de fãs que atacam o ídolo, ele nos tratou muito bem.

Lá estava também o exemplar da Revista Estudos Universitários que ele criou quando dirigia a Extensão Cultural da Universidade do Recife hoje Universidade Federal de Pernambuco. Era um cargo semelhante ao de Pró-reitor de Extensão. Entretanto ele conceituava a Extensão Universitária como Educação Popular que deveria ser prática daqueles que tiveram a sorte de entrar na universidade em favor dos que não conseguiram, já que

estávamos distantes e ainda estamos da utopia da universidade para todos.

Paulo Freire é um decolonialista, portanto não foi coincidência que sua Ocupação, a de número 53 coincidiu com a de número 52, em homenagem a Sueli Carneiro, uma intelectual negra que tem liderado a luta antirracista como ativista, filósofa e professora muito inteligente e destemida. Nessa exposição a filha de Sueli conta uma história engraçada. Muitas vezes ela pedia para comprar algo e a mãe dizia que não dava porque estava “dura”. Um dia ela perguntou: - Mãe você compra isto para mim quando você estiver “mole”?

As Ocupações do Itaú cultural se constituem em um dos primeiros projetos culturais de curadoria decolonizadora em São Paulo. As Ocupações se apropriam de métodos de pesquisa feministas e dos métodos baseados em história de vida.

Decolonialismo se desenvolve através de ações, não no discurso verbal. Decolonialidade em museus e centros culturais é a consciência da prática. Já não funcionam os disfarces do multiculturalismo aditivo que vemos na maioria dos museus.

Isto é, fazer uma exposição que exalte os códigos de Arte europeus e norte-americanos brancos e no meio do “cubo branco”, modelo expo gráfico copiado da Europa, colocar um quadro, desenho ou escultura de artista indígena ou afro para fingir igualitarismo.

Esta é a prática instrumental do colonizador para fazer proliferar o processo da colonização escondida que nos oblitera há 500 anos.

É necessária a “vigília cívica” para nos defendermos do colonialismo insidioso

Conheci Paulo Freire, Dona Elza sua primeira mulher e a Arte/Educadora Noêmia Varela (os três eram muito amigos) ao mesmo tempo quando tinha 18 anos. Eles mudaram meus planos e desejos para o futuro e influenciaram todas as fases da minha vida pessoal e intelectual.

Noêmia Varela ajudou a me salvar da acomodação, por amor, ao modelo burguês de mulher doméstica. Havia combinado com meu marido que quando tivéssemos filho eu deixaria de trabalhar, mas quando fiquei grávida, Noêmia Varela decidiu conversar com ele advertindo que me tirar o trabalho seria me matar interiormente.

Quando estava no terceiro ano da Faculdade de Direito, quis desistir do curso porque era uma experiência horrível de preconceito de gênero. Fui vítima de ataques machistas por parte da maioria dos professores, literalmente, desde o primeiro dia de aula até a última prova de avaliação para nota. Procurei conversar com Paulo Freire e ele me recomendou fortemente continuar o curso dizendo que o Direito desenvolvia a capacidade hermenêutica que eu poderia aplicar a qualquer área em que fosse trabalhar.

Quando fiz exame de Livre Docência na USP ele foi examinador de minha tese na qual defendia além da expressão artística através do fazer arte, também a imagem na sala de aula para ser lida, analisada, comparada, interpretada em busca de diferentes significados e em função de construir uma iconografia rica pra o aluno. A iconografia é a bibliografia do olhar. Paulo Freire além de me dar nota máxima em todas as provas me lembrou que ali estava acontecendo o que ele previra, eu estava usando a hermenêutica na Arte/Educação.

Para escolher a Universidade onde fazer doutorado nos Estados Unidos também fui me aconselhar com ele, que escreveu uma carta de recomendação para a Universidade de Boston (BU), muito elogiosa. Ao chegar na BU estava sendo dado um curso sobre Paulo Freire.

Graças a ele não só fui aceita, mas ao me apresentar para o primeiro dia de aula o diretor da Faculdade de Educação me disse: “Você está aqui para corrigir um desvio de carreira, mas seu nível já é de uma doutora”.

Fui tratada com toda deferência e pude fazer o doutorado em um ano e meio para voltar a tempo de sistematizar a linha de pesquisa Ensino/Aprendizagem da Arte no Programa de Mestrado e Doutorado em Artes da ECA/USP, a primeira Pós-Graduação em Arte/Educação no país e única por vários anos, que foi adequadamente multiplicada nas Universidades Federais, de início por minhas ex-alunas que muito me orgulham pela garra com a qual desenvolveram e estimularam pesquisas na área.

Paulo Freire deu uma disciplina nesse programa da ECA a meu convite e foi impossível limitar o número de alunos inscritos. Tivemos 120 alunos de todas as áreas de humanidades da

USP matriculados, fenômeno nunca mais repetido.

Pouco tempo depois sistematizei, baseada no pensamento pós-moderno a Abordagem Triangular para o ensino da Arte, que só agora chamo a atenção dos críticos e detratores para o fato obvio, que segue a epistemologia “freiriana”. A Abordagem Triangular foi pesquisada em três instituições educacionais, uma delas na Secretaria Municipal de Educação quando Paulo Freire foi Secretário de Educação e me convidou para coordenar a reestruturação curricular em Artes.

Tinha pejo de liga-la a Paulo Freire para não parecer a ele que eu o usava para ter prestígio, entretanto foi ele o primeiro a ler o livro sobre a Abordagem Triangular que foi apresentado como texto para minha Livre Docência na ECA/USP, da qual ele foi meu examinador. Em conversa posterior ele se reconheceu no livro.

É bom lembrar que desde a experiência de Angicos ele alfabetizava lendo obras de Arte alusivas à cultura de seus alunos. O primeiro artista a pintar obras que o ajudavam na leitura de mundo para chegar às palavras foi Francisco Brennand, que também se faz presente na Ocupação.

Ao morrer (1977), Paulo Freire tinha uns dez quadros de um artista popular de São Tomé cujo sobrenome também era Freire, de quem ele comprava porque gostava, mas usava como base para dialogar acerca da cultura local com seus alunos das ilhas africanas. Por outro lado, a Contextualização, um dos processos da Abordagem Triangular junto com a Leitura da imagem e da obra de Arte que acrescentamos ao Fazer artístico de crianças e adolescentes é um dos fundamentos do sistema de Paulo Freire.

Aliás, a CONTEXTUALIZAÇÃO é processo essencial em todo projeto cultural e educacional contemporâneo que tenha objetivos transformadores dos indivíduos e da sociedade.

Quero terminar citando Carlos Rodrigues Brandão²:

² Brandão, Carlos em **Qual Paulo? Que Educação? 20 fragmentos de memórias a respeito o que veio a ser a Educação Popular, acompanhados de um “adendo”** p. 35 Enviado por e-mail pelo autor em julho de 2021.

“Se me fosse pedido para resumir todo o pensamento fundador de Paulo Freire em algumas poucas palavras, como breves sentenças de menos de uma linha cada, eu escreveria isto:

Que ao ser humano seja dado:
Viver a sua vida
Criar o seu destino
Aprender o seu saber
Partilhar o que aprende
Pensar o que sabe
Dizer a sua palavra
Ousar transformar-se
Unir-se aos seus outros
Transformar o seu mundo
Escrever a sua história.”

Submetido: 28/03/2022

Aprovado: 26/04/2022